

Lídia Jorge



O VENTO
ASSOBIANDO NAS GRUAS

Romance

6.^a edição
revista



D. QUIXOTE

ÍNDICE

Cerimónia 13

O Livro de Milene 39

O Vento Assobiando nas Gruas 425

CERIMÓNIA



Naquela tarde quente de Agosto, o longo corpo da Fábrica Velha ainda lá estava estendido ao sol. Não propriamente intacto, pois nessa altura já o telhado verdoengo abaulava como se a ondulação do mar se prolongasse na cobertura do edifício. Também os parapeitos de algumas janelas ostentavam ramalhetes de ervas finas dispostas em forma de cabeleira, puxando-os para a terra. A própria inscrição frontal, *Fábrica de Conservas Leandro 1908*, já havia perdido quase todas as letras, e a uma certa distância apenas se decifrava *servas* e *908*, configurando uma espécie de sinal cabalístico inscrito na parede branca. Mas esses factos pouco ou nada interessavam. Milene encontrava-se parada em frente do velho edifício, apenas porque esperava que o portão se abrisse e alguém aparecesse para falar com ela.

Ao ombro Milene trazia um saco de praia, e as mãos estavam livres, mas quando as unia deslizavam como se estivessem envolvidas num unto pegajoso, precisamente porque desde as onze e meia da manhã várias vezes tinha atravessado o campo de morraça, seguindo as marcas dum caminho pedestre que por ali havia. Só depois essa vereda se confundia com o leito dos carris de aço, duas barras paralelas rente às quais tinha parado. O sol das três horas desenhava-lhe uma sombra curta no chão, e os cabelos colavam-se-lhe à testa, comprimidos que haviam sido pela copa do chapéu de palha. Mas nesse primeiro momento em que a vejo e tudo recomeça, Milene tinha-o retirado e

abanava-se com ele como se fosse um leque, diante do corpo interminável da Fábrica Velha.

Na verdade, era um dia de calor intenso.

O Clio que ela havia estacionado ali defronte, meio inclinado na berma, fervia sob o sol escaldante. As onze palmeiras que ladeavam as paredes nem moviam uma haste, como se fossem de folha-de-flandres pintadas de verde. Pela estrada estreita não passava um único veículo, como se uma longa sesta espanhola tivesse descido sobre a orla marítima. Milene encontrava-se diante do portão principal e queria chamar por alguém que lhe pudesse explicar o que tinha acontecido na noite de quinta-feira anterior. E por isso já havia ensaiado o chamamento, até já sabia de cor a pergunta que precisava de fazer. Seria assim – *«Eh! Está aí alguém? Pessoal da fábrica? Está aí alguém que me explique o que aconteceu na quinta-feira passada?»* – Não precisava de repetir outra vez. Estava satisfeita consigo mesma, era aquela precisamente a pergunta que lhe convinha. Nesse sentido, Milene ensaiou uns passos na direcção do casario, retirou um lenço de dentro do saco para limpar o suor da cara, mas já sobre o asfalto, parou. Ainda não estava segura.

Precisava de pensar melhor.

Vendo bem, se chamasse por alguém naquela hora de calor, quando nem os pássaros pareciam estar acordados, seria como se estivesse a colocar um ponto final definitivo na busca que havia feito, andando de cá para lá ao longo da vereda. O que significava que teria desistido de encontrar por si mesma uma pista que pudesse recolher para mostrar aos tios. Coisa que ficasse muito íntima, secreta, só entre ela e os membros chegados da família. Se começasse a chamar – *«Ouçam, está aí alguém?»*, seria sinal de que havia desistido de encontrar, por seus próprios meios, as palavras necessárias para explicar o que se havia passado com a avó Regina durante a noite de catorze para quinze de Agosto, ou como se precisasse necessariamente das palavras dos outros para poder construir a sua própria versão dos factos. Quando os tios chegassem, ela queria começar por dizer – *«Queridos tios, eu*

estava em casa, por volta do meio-dia de sexta-feira, estava a ouvir os Simple Minds, e nisto tocaram à porta e eram dois agentes da Guarda Nacional Republicana a perguntarem se eu sabia onde estava a avó Regina. E depois, sem mais nem menos, os agentes desviaram os olhos de mim e disseram-me aquilo...»
Isso ela queria dizer.

Queria contar por palavras suas todos esses trâmites, porque no fundo desejava ser senhora duma situação que a si mesma, mais do que a qualquer outra pessoa, dizia respeito. Mas pretendia contar tudo, com a segurança própria da pessoa adulta que era, e não como se fosse a espécie de criança por quem a tomavam. Pois ela não tinha nem dez nem doze, nem vinte anos tão-pouco, sentindo-se pelo contrário uma rapariga inteiramente responsável, e a prova é que ali havia andado naquela marcha, para trás e para diante, à procura duma pegada da avó, um fio de cabelo, um lenço de assoar, um tubo, um frasco, ou mesmo uma folha ou um ramo quebrado, qualquer coisa que explicasse o sucedido, ou pelo menos o confirmasse. Tinha procedido com toda a minúcia, sem encontrar rasto algum, embora ela soubesse como ninguém que a avó havia passado por ali. Também o campo escaldado e os seus objectos em redor o sabiam. Sem sombra de dúvida, sabiam-no tão bem quanto ela. Mas a areia, o saibro e a morraça, bem como os carris de ferro sobre os quais antigamente deslizavam os vagões de lenha, tanto quanto as árvores velhas caídas, aqui e além, tudo isso fazia parte do silêncio obstinado das coisas caladas, não passavam de testemunhas passivas, figuras mudas da Natureza que por certo tinham um saber e uma memória, e na hora necessária nunca falavam. Por mais que uma pessoa as interrogasse, permaneciam escondidas, secretas, sem responder. Não responder era a sua resposta. Milene até sentia vontade de voltar para trás e de dizer em voz alta – *«Suas manhosas, suas cretinas, suas estúpidas, falem lá...»*

Só que não podia pôr-se a gritar num descampado, contra os objectos do mundo, como se fosse uma imbecil. Ou como se tivesse dez anos de idade. Tudo o que tinha a fazer era imaginar que todas essas coisas caladas se conjugavam para encobrir a noite de quinta-feira de propósito, para ela mesma não saber o que dizer aos tios. Milene continuava em pé, a refrescar-se e a olhar para todos os seres mudos

que compunham a paisagem, sabendo de antemão, com raiva, que deles não poderia retirar mais nada.

«*Suas brutas, suas estúpidas, falem...*»

Essa era a razão por que tinha passado a manhã a fazer a sua busca. No entanto, se fosse só para si mesma, não o teria feito, pois os dados que possuía consigo já seriam suficientes, não necessitava de mais nenhuns outros. Ao fim e ao cabo, ao longo dos últimos dias, tinha acumulado informação que bastasse para reconstituir a noite em que a avó Regina havia escapado à vigilância dos funcionários da ambulância. Reconstitui-la era só uma questão de ela própria querer. Ali mesmo, naquele lugar, ao sol das três da tarde, fechava as pálpebras e, sem fazer qualquer esforço, via muito bem a figura da avó Regina em camisa de dormir, ocupando todo o espaço da paisagem, toda ela por inteiro, corpo e camisa, preenchendo de ponta a ponta o branco e o preto da noite de quinta-feira. Ali mesmo onde estava, desde que quisesse, Milene fazia as imagens correrem para trás como no ecrã do televisor quando rebobinava um filme, e a atmosfera desse fim de dia aparecia-lhe nítida, com o vapor vermelho do Poente a deslizar por cima da planície, e depois a escuridão do lusco-fusco a cair sobre a Estação de Serviço, e a adensar-se rente à vereda por onde havia seguido a avó Regina. Via a avó Regina nitidamente, como se ela mesma a tivesse acompanhado em pessoa, bem como as marcas deixadas pelos seus pés descalços ao longo da senda de terra. Via muito bem o movimento das suas passadas, imaginando como teriam sido desequilibradas, lentas e tenazes, imparáveis, a caminho do local que desejava atingir, e o que ela desejava atingir era a *Fábrica de Conservas Leandro 1908*, aquele moroiço de alvenaria, situado a meio do Mar de Prainhas, nomeado em família pela designação secreta de *diamante*. Assim como via nesse andamento as suas mãos nodosas sem anéis, o seu pescoço vergado sem fios nem colar, o seu cabelo branco ultimamente cada vez mais curto, como se alguém estivesse empenhado em fazer-lhe desamparar o rosto de moldura, sem se saber porquê.

Mas vê-la e acompanhá-la em imaginação, e em imaginação ter a certeza de que tudo se passara assim, que a avó caminhara por seus

próprios meios, sem que ninguém a tivesse transportado ao longo do caminho de terra, até chegar à soleira do portão principal para aí se sentar a descansar, era uma coisa, e fazer prova desse percurso era outra bem diferente. Por isso Milene tinha pensado regressar, mais uma vez, aos lugares onde o caminho livre de ervas poderia oferecer um suporte suficientemente moldável para ali ter ficado impresso um sulco que lhe permitisse dizer aos tios – *«Sim, tios, eu tenho a certeza, ninguém a levou ao colo, ela mesma foi andando, andando sozinha, até chegar ao diamante. Ela fugiu da ambulância parada junto das Bombas. Ela mesma se pôs a caminho, eu vi uma pegada...»* E isso seria prova suficiente de que a avó teria passado por ali. Milene, porém, já perdera a contagem do número de vezes que se havia debruçado sobre as ralas superfícies de areia sem qualquer resultado, e por isso alguma coisa lhe dizia agora que não valia a pena voltar atrás e recomeçar tudo de novo. Tinha decidido. Prescindia da busca através da moração.

Iria regressar ao Clio.

Mas entre querer e agir existe um átomo habitado por um outro, um rápido desconhecido, um inesperável, como costumava dizer João Paulo. Assim, em vez de se dirigir ao carro e arrancar na direcção da Praia Pequena, onde a amiga Violante servia cafés desde manhã, atrás do balcão do bar, e a esperava, Milene avançou estrada fora e começou a chamar na direcção do edifício da fábrica – «Eh! Está aí alguém? Está ou não está?...»

Tinha-se posto a chamar muito alto, utilizando toda a energia de que era capaz, surpreendida até pelo facto de se ouvir a si mesma na tarde calmosa, e a sua voz aparecer tal como era, fina e frágil, repercutindo-se em altura como se fosse grave. O chamamento a propagar-se no descampado, a aumentar, a duplicar-se em redor de si como se inchasse. Entusiasmada com esse efeito, Milene engrossou a voz tanto quanto pôde, procurou que o peito fosse todo-poderoso para gritar de novo – «Ouçam lá... Se faz favor... Está ou não está alguém em casa?»

Do interior do longo casarão, ninguém respondia. A chaminé de tijolo vermelho erguia-se acima das telhas como um punho parado. A imagem dum punho gigante erguido, saído duma realidade decadente como era a fábrica, desafiando alguma coisa que não se via mas deveria permanecer no ar como uma ameaça. Uma torre de segurança, a segurança própria do diamante. Então Milene continuou a chamar, até a voz se esgarçar por completo e a si mesma parecer um ridículo grasnado de pato – «Alguém me está a ouvir?»

«Está ou não está?»

Naquele momento, um camião carregado de sal surgia do lado do Bairro dos Espelhos, roncando lento, e o camionista sentado no trono da condução passou, a olhar para diante, a cabeça inclinada para o vidro, os olhos na estrada como se tudo o que tivesse a fazer na vida fosse levar atrás de si aquele monte de sal, e nem a viu. Milene esperou que a grande caixa aberta se escapasse pela estrada abaixo e desaparecesse ao fundo. Então, de novo fixou o portão sob a luz intensa daquela hora, que não retrocedia nem desandava, e aceitou os factos tal como eram – Se alguém se encontrava entrincheirado lá dentro, ou era surdo, ou de propósito não lhe respondia. Não lhe valia de nada. E com tudo isso, não sabia o que dizer aos tios.

Como muitas vezes lhe sucedia, possuía todos os elementos encaçados dentro da sua ideia, e no entanto, verdadeiramente, não dispunha de nada para dizer. A esse propósito, o primo João Paulo sempre fora da opinião de que, se acontecesse uma pessoa não dispor das suas próprias palavras para expor um assunto, deveria socorrer-se das palavras dos outros. Ela mesma às vezes pensava nesse recurso como uma coisa boa e útil, auxiliadora das pessoas a quem faltavam argumentos para explicar os pensamentos importantes. Quanto mais importantes, mais faltavam palavras a essas pessoas. Pessoas como ela. Então era preciso avaliar muito bem, antes de concluir se dispunha ou não de palavras suficientes para contar o que se tinha passado naquela noite de quinta-feira.

Tentativas para obtê-las, não lhe tinham faltado.

Ainda no dia anterior, domingo dezassete, entre as onze e as três da tarde, Milene tinha permanecido no interior da Igreja de São Francisco, à espera que alguém entrasse pela porta e viesse ter com ela, e longamente havia esperado. Havia esperado até esgotar todos os pensamentos bons de que dispunha para se entreter, como a lembrança do *Star Wars* e dos U2, outros filmes e outros discos, passeios de barco e de carro, quando sentada entre os primos, ao lado de João Paulo. Até que a dado momento, sentindo-se demasiado sozinha debaixo da abóbada branca, à sombra daqueles santos que pareciam dormir eternidades de olhos abertos, Milene tinha olhado em volta e havia conseguido decifrar algumas palavras importantes, no meio dos enfeites que forravam as paredes brancas. Entre outras, tinha lido – *Caixa das Almas, Pax Domini, Introibo ad Altare Dei*, e nessa altura, em pé, no meio do transepto, Milene havia pensado que poderia aproveitá-las para qualquer coisa de útil. Juntando-as todas, uma a uma, talvez pudesse dizer aos tios – «*Queridos tios e tias, não tenham cuidados por mim. Eles trouxeram a avó Regina para dentro da Igreja de São Francisco e eu fiquei durante várias horas junto da Caixa das Almas e do Totus Tuus, e nessa altura a avó Regina ainda ali estava. Entretanto, eu sentia-me acompanhada, eu ia pensando em coisas boas para me distrair...*»

Tinha ela pensado começar por dizer. Mas logo se arrependera. Reflectindo melhor, havia percebido que não era suficiente explicar a razão pela qual não tinha estado sozinha, porque os tios, de certeza, não iriam inquietar-se com as horas durante as quais havia permanecido a sós com a avó Regina. Nessa altura, já tudo teria passado, e ela mesma estaria viva. Os tios iriam querer saber, isso sim, em que circunstâncias havia falecido a avó, e então já não lhe serviria de nada usar aquelas palavras dos outros.

Continuava a pensar Milene, parada, diante das onze palmeiras.

O Clio a ferver debaixo do sol, e ela a pensar no regresso dos tios. A imaginá-los um a um, abrindo as portas dos carros, com os motores

a trabalhar, escancarando-as e saindo dos interiores climatizados, só para lhe perguntarem – «*Milene, como explicas isto, hã?...*» Via os olhos dos tios e das tias, libertando-se uns após os outros dos óculos de sol para a encararem bem de frente, e as portas a abrirem-se e a fecharem-se, umas atrás das outras, e o motorista do tio Rui Ludovice a olhar para ela, fingindo inspeccionar o chão – «*Como explicas, hã?*» Mas aí, diante deles, talvez ela pudesse começar por dizer que tinha havido uma terrível coincidência, várias coincidências, que até poderia provar, se eles assim o exigissem. Não tinha problema nenhum.

Pois se os tios quisessem ter a maçada de consultar as agendas, veriam como a sexta-feira, quinze de Agosto, tinha sido o primeiro de uma cadeia de dias livres, um feriado justaposto a um fim-de-semana, e por esse motivo ninguém se encontrava nos locais de trabalho nem nas moradas previstas, as estradas repletas de carros em fila, lembrando enxames desvairados, apitando e zumbindo. As casas normalmente habitadas encontravam-se vazias, e aquelas que durante todo o ano se encontravam vazias pareciam ocupadas, com as luzes dos pátios todas acesas. As moradias que avizinhavam com Villa Regina, essas, completamente fechadas, lá dentro não havia ninguém. E de todos esses factos Milene poderia fazer prova, ou talvez alguém se dispusesse a testemunhar por ela, mas dos telefonemas que havia feito para as residências dos tios, chamadas sem cessar que retiniam do outro lado sem resposta, disso não tinha prova nenhuma.

Sim, fizera dezenas de telefonemas. Como os tios não respondessem, ela própria tinha ido tocar às portas das suas casas, e fora então que soubera, pelo jardineiro da tia Gininha, que nenhum deles se encontrava em Valmares. Por fim, já no sábado dezasseis, pela manhã, ainda tinha entrado no edifício da Câmara, na esperança de que, na ausência do tio Rui, alguém estivesse lá dentro em serviço. E de facto a porta do edifício público encontrava-se aberta, desembocando num recinto amplo onde permaneciam duas grandes secretárias de metal, atrás das quais, por certo, alguém deveria estar, e não estava. Ninguém estava. Em forma de gente, no *hall* da Câmara, só se encontrava o rosto do tio Rui, em dimensão gigante, impresso em

posição frontal, com o colarinho branco sobreposto ao lema *Outros só Fazem Gestos, Nós Somos a Acção*, palavras distribuídas por baixo da fotografia, ondulando como dois versos rimados. Aquele fora o cartaz de propaganda do tio Rui, vencedor nas eleições, ano e meio atrás, e ainda ali permanecia, por certo indevidamente. Mas naquele instante nenhum desses pormenores era importante. Importava só que o tio Rui, pelo menos, não tinha desaparecido de todo. E então Milene ainda havia chamado em voz alta, supondo que um funcionário qualquer que por ali se encontrasse, ao ouvi-la, compreendesse a gravidade do caso – «Oiçam lá... Alguém me está a ouvir? Por favor, é para dizer que a sogra do Senhor Presidente foi encontrada morta na soleira da Fábrica Velha... Morreu...» A voz de Milene tinha ecoado no recinto onde três séculos atrás haviam vivido umas monjas-descalças, e ninguém tinha respondido. Sem dúvida alguma. O solene edifício, onde o marido da tia Ângela Margarida desempenhava a função de Presidente da Câmara, encontrava-se deserto. No próprio pátio, onde às dez da manhã já o sol batia feroz como se quisesse fundir ou rachar o chão, não havia vivalma. Pelas ruas de Santa Maria de Valmares, deambulavam magotes de pessoas estrangeiras, com o olhar vagamente espantado sob as palas dos bonés, parando diante das fachadas das casas brancas, admirativas, como diante de um Nilo seco. De resto, Milene ainda se havia cruzado com algumas pessoas simpáticas, que até lhe sorriam de passagem, mas nenhuma delas tinha a ver com a sua vida, muito menos com a vida dos seus tios. Não ia pedir-lhes que parassem no lancil para lhes contar o sucedido.

Nem mesmo ao empregado da esplanada onde se tinha sentado a comer sorvetes ela havia contado o que quer que fosse. A certa altura, o empregado viera até junto da mesa, sem ser chamado. Tinha-se debruçado por cima da mesa e havia-lhe dito – «Desculpe, mas olhe que este é o quinto. Isto tudo ainda lhe vai fazer mal...»

«Exacto, cinco gelados.»

E aí bem poderia ela ter falado sobre o que se passava, mas ao imaginar que iria misturar a vida da sua família com o número de gelados consumidos, achou que poderia abrir a porta a uma conversa

interminável que não estava disposta a encetar. Então apenas lhe respondera que não os tinha contado. Além do mais, sem dar por isso, estava a fazer-se tarde. Só agora reparava como a sombra do toldo havia rodado, como os pombos afoitos se aproximavam da sua mesa, apanhando migalhas dispersas pelo chão, mesmo junto às suas sandálias. Do fundo da doca marítima exalava um perfume fértil, ao mesmo tempo podre e salgado. Lembrava-lhe o grande Oceano, de que deveria ser uma parte. Lembrava-lhe o Mar de Prainhas. Porque não tinha ido nadar com Violante, as duas de mão dada, nas ondas baixinhas da Praia Pequena? Porquê? – Não tinha ido, pela simples razão de que não queria dizer aos tios, quando eles chegassem – *«Tios, naquele momento, eu não sabia muito bem onde estava a avó Regina, e então aproveitei para ir tomar banho na praia...»*

Milene tinha perguntado ao empregado – «Acha mesmo que foram cinco? Pois foram, mas olhe que nem dei por nada...»

E sentindo-se bastante estúpida, por estar ali rodeada de pombos reboiados, sozinha, diante das águas lentas que entravam por dentro de Santa Maria de Valmares, perfumando a cidade com aquele cheiro a marisco e a lodo, tinha decidido voltar para casa. Pois naquele momento, já era fim de dia do sábado dezasseis, achava-se na obrigação de procurar determinados objectos da avó, para lhos levar. Roupas, lenços, até mesmo uma bengala especial de que a avó gostava e que deveria andar perdida entre os guarda-chuvas de Inverno, dentro dos armários fundos que havia por toda a parte em Villa Regina. Era isso mesmo que iria fazer. Decidida, Milene deu uma avultada gorjeta ao empregado por ter consentido que ali tivesse permanecido sentada, servindo-lhe gelado atrás de gelado. Agora sim, ia entregar-se de corpo e alma à recolha dos objectos, durante o tempo que fosse preciso. E abandonando a mesa, partira, apressada, na direcção de casa.

Na sua memória, porém, naquela noite, os lugares do presente e do passado iriam aparecer-lhe completamente entrançados, e por isso tinha demorado muito tempo a separar aquilo que a avó ainda vestiria àquela data e o que a avó havia usado, vinte e cinco anos atrás, quando Milene ainda era uma criança de pouca idade. Difícil distinguir. Com as luzes todas acesas, os armários escancarados, tinha per-

corrido sem cessar os dois pisos de Villa Regina, vasculhando objectos em todas as direcções do considerável espaço daquela casa. E sem dar conta, amanhecia o domingo dezassete de Agosto, pois de repente, no meio de tanta gaveta aberta, já era outro dia. Não fazia mal. Depois dessa azáfama, Milene iria poder escolher o mais necessário. Mas quanto às palavras para explicar o sucedido, não as tinha. E fora aí que se lembrara do primo João Paulo.

Acabava de encontrar o bastão com ponta de prata, e ainda com ele debaixo do braço, Milene aproximara-se do telefone. Ligaria, não ligaria? Habitualmente, era a avó Regina quem discava o número, e até costumava ficar a ouvir a conversa, a observar, a fixar, para depois contar ao filho Afonso como se tinham comportado ao telefone a Milene e o João Paulo. Mas no momento em que a avó se encaminhava para ficar trancada dentro *daquilo*, feito de madeira, talvez ela mesma devesse ligar.

Ligou.

Não demorou que a voz do primo, no gravador, se fizesse ouvir, em tom baixo e em inglês. «*João Paulo?*» – Também Milene falava baixo, para o interior do bocal, isto é, para dentro do gravador do primo, ligado à mesma corrente, do outro lado do Atlântico – «*João Paulo? A nossa avó morreu...*» A palavra parecera-lhe inapropriada – «*Faleceu...*» Corrigiu. A casa toda revolta, as luzes todas acesas. Do lado de lá, ninguém respondia. Ela pousou o telefone. Depois reparou que eram seis horas da manhã de domingo. Em Massachusetts seriam uma ou duas. Do lado de cá, amanhecia por cima das copas das oliveiras. E fora então que ela se tinha lembrado de João Paulo a dizer-lhe, cinco anos atrás, numa certa manhã de Outono, ali mesmo, em Villa Regina – «*Não sejas estúpida, Milene, quando necessário, uma pessoa deve socorrer-se das palavras dos outros. Pois para que servem as palavras dos outros senão para nos servirmos delas?... Vendo bem, nem uma única palavra que pronunciamos é nossa. Alguém as criou antes de nós... Nada nos pertence...*» Era como se João Paulo ainda estivesse a entrar pela porta do *living room* da avó Regina, como se estivesse a aproximar-se

da mesa e a dizer, naquele instante – «*Ouviste, Milene? Ouviste bem? Nada nos pertence. Nós é que temos a mania...*»

Nada nos pertence, pensava ela, enquanto escolhia os sapatos, dobrava um vestido que a avó guardara da viagem a Londres, um lenço e uma *écharpe* Liberty com grandes corolas de papoilas. Pois se nada nos pertence, então seria necessário uma pessoa cumprir os seus deveres, ser cada vez mais rápida, desembaraçar-se dos deveres. Mas quando Milene, depois de nova corrida pela estrada, tinha chegado, rápida e eficiente, junto *daquilo*, carregada com todos os pertences possíveis, já havia horas que a avó lá estava embrulhada num pano branco e noutro preto, e assim Milene tinha sido obrigada a colocar as roupas e demais objectos ao lado de Regina Leandro, como se não fizessem parte da sua indumentária o chapéu, as luvas, o bastão de ponta de prata e até os sapatos de cunha de que a avó tanto gostava. Os objectos arrumados ao lado, como se não lhe pertencessem.

Esse era o outro detalhe que iria ter dificuldade em explicar aos tios ausentes, e por essa razão, em chegando à Igreja, tinha permanecido em pé, na esperança de que alguém entrasse e lhe dissesse qualquer coisa para ela recolher as palavras dos outros. Entretanto, ali tinha ficado a pensar. Mas esgotados os pensamentos bons, e todos os outros, por volta do meio-dia, o silêncio começara a erguer-se como uma provocação indecente. Não podia continuar assim, naquela expectativa. A avó permanecia coberta pela tampa de madeira, enquanto ela se mantinha à escuta dos passos que se aproximavam do lado de lá das grossas paredes, gente que caminhava rente à Igreja de São Francisco e logo se afastava na direcção da estrada que conduzia à praia. Milene estava suspensa do pouco ou nada que se passava lá fora – *É agora, tenho a certeza que alguém vai entrar. Uma coisa boa vai acontecer. Uma coisa muito boa...*

E tinha acontecido.

Anunciara-se à distância. De súbito, uma fala interrompia o silêncio. Alguém entrava, e não eram os tios nem as tias. Era um padre com a sua indumentária branca que surgia na porta lateral, avan-

çando pelo soalho, conforme o jorro de luz que banhava as coroas de flores, e ainda por cima não vinha sozinho. Acompanhava-o uma outra figura semelhante a ele, e também uma mulher cujos passos pesados traziam atrás de si umas pernas fortes e uns possantes buchos quadrados. Sim, finalmente três pessoas, três oficiais, entravam, formando uma espécie de multidão, e como o padre se tinha dirigido a ela, que estava sozinha, acompanhada pela avó Regina, Milene percebera que havia chegado a grande oportunidade de seguir as palavras duma pessoa credível. Seguir as palavras que o padre tão bem pronunciava, com o auxílio duma magnífica dentição de alvura impecável e umas sobancelhas levantadas que se afastavam e uniam sem cessar, formando desenhos circunflexos a meio do rosto. Queria seguir as palavras que saíam da sua pessoa e da sua sobrepele, para dizer aos tios – «*Queridos tios, foi assim...*» Queria repeti-las e fixá-las. O problema consistia em saber se conseguiria transformá-las em coisas prestáveis para lhes contar. Essa era a sua grande dúvida.

Milene tinha descido os olhos sobre o Cristo luzido que o carpinteiro pregara à tábua, um Cristo de metal maciço, tão arqueado que não só parecia oco como também apresentava a forma dum insecto que se quisesse desprender da madeira, e enquanto isso, ela ouvia retumbarem as palavras que o padre atirava, ali, a desoras de domingo, como se quisesse atingir alguém, uma espécie de pedradas, das quais fixava as mais altas, tais como *a iniquidade, o orgulho, a arrogância, a notícia que passa, o navio que vai, a ave que voa, a seta atirada contra o alvo, e nós consumidos na nossa malícia...* E muitas outras. Sem conseguir fixar, no entanto, mais nada do que isso mesmo, frases atiradas pelo padre contra as paredes da Igreja vazia. Aliás, aquele padre que ela nunca tinha visto, por uma razão qualquer que a si mesma lhe escapava, tinha continuado a falar em voz demasiado alta, como se pregasse para alguém que ela não visse, e Milene havia experimentado uma espécie de medo, o medo que porventura deveria sentir a pessoa ou a multidão a quem ele se dirigia e ali não estava. E sentia medo também por si mesma, por não saber explicar de que modo tinha ficado a acompanhar a avó Regina, aprisionada dentro *daquilo*. Medo por se encontrar ali sozinha a ouvir todas aquelas palavras, sem no entanto ter tido

oportunidade de recolher uma única que lhe pudesse ser útil, de entre tantas que naquela hora estranha o padre proferia. Até que por fim aquilo terminou, e ela não saberia dizer como.

Porque a última parte iria ser muito rápida. Lembrar-se-ia depois.

Fora assim.

Ainda as palavras do padre ecoavam de encontro aos santos, e já um grande carro se aproximava às arrecuas como se quisesse entrar no interior da Igreja. Depois tudo desandou, e as paredes do exterior engoliram a penumbra mansa onde ela própria havia habitado desde as onze da manhã. Os santos deslizavam. Tudo mudava de figura. Também ela estava a ser levada por aquele enorme carro. Não tinha dúvidas. Milene fechou os olhos, sentiu um motor sob o assento, à sua volta as flores tomaram conta do espaço, apertaram-se contra o vidro e moveram-se como se fossem animais vivos à espera de respirar, acomodando-se, mudando de lugar e de forma, as gardénias por cima dos gladiólos, e ela viu a paisagem da rua branca de São Francisco, muito calma e muito sólida, através do esfumado que protegia os olhos da intensa claridade da tarde, como se todo o carro fosse um grande óculo de sol. Os cães deitados levantavam-se à passagem do pesado veículo onde Milene seguia, sentada como num trono, de olhos quase abertos quase fechados.

Quando os abriu, já uns homens de cabelo aparado estavam sugando os molhos de flores de dentro do carro e já as colocavam em monte diante da cova aberta, onde seis mãos unidas iriam deixar cair *aquilo*, com a avó trancada lá dentro. À medida que aquele objecto descia, Milene sentia-se aterrada pela brutalidade da terra aberta, mas quando ela se fechou experimentou um alívio – tinha a certeza que Regina Leandro não estava ali, e isso poderia contar aos tios, ainda que não soubesse onde a avó se encontrava. Ou, mais precisamente, onde é que ela, Milene, a tinha deixado. A surpresa prendia-a ao chão. «*Não, ela não está aqui. Ficou em qualquer outra parte, mas não aqui...*» – teria dito Milene, se o padre não estivesse presente. Mas estava.

O padre tinha-se colocado sobre uma elevação de terreno e a sua sombra era nítida como se desenhada a carvão. Além disso, a testa e as maxilas estavam cobertas de suor. Milene reparou que ele chamava a mulher dos buchos quadrados, que deveria ser freira, pelo formato do lenço, e os dois estiveram a falar em voz baixa. O padre desceu da pequena elevação e perguntou a Milene – «Sente-se bem?»

«Não se sente bem?»

«Sente-se mal?»

Ela queria ter respondido à altura, e por isso tinha deixado que os olhos andassem um pouco à volta, passando por aqui e por ali, pequenos montes de terra, pequenas casinhas de mármore, um sem-número de nomes e datas douradas, e depois, quando os recolheu, não encontrou que dizer. Sim, sentia-se muito bem, sobretudo pela inesperada pergunta que o padre lhe fazia, a sua amabilidade em aproximar-se dela e repetir a pergunta, e por isso Milene começou a rir, a princípio pouco, depois mais e mais, em silêncio, para agradecer o gesto de quem perguntava e para mostrar como se sentia bem. Sorria para lhe agradecer ter falado tanto, lá dentro da Igreja, a propósito da avó Regina, quando, além dela e da avó e daquelas pessoas profissionais, não estava mais ninguém. Acudia-lhe à cabeça tanta coisa ao mesmo tempo que não podia dizer nada.

«É a sobrinha do Presidente da Câmara, Senhor Padre Honório, já lhe tinha dito. Sobrinha por afinidade...» – falava a mulher cujas pernas tinham aparecido na luz da Igreja e no momento ali estavam, plantadas sobre a terra revolvida, carnudas, fortes, com seu bucho de feitio singular. «Mas Deus é grande...» – disse ainda. E chamou o homem que os acompanhava para junto do padre. Os três, unindo as cabeças e avançando devagar ao longo da álea, tinham começado a falar entre si como se partilhassem um segredo comum. Depois afastaram-se.

«Deus tudo pode...» – disse ainda a mulher.

Entretanto, os três, sempre muito unidos, esperaram por Milene, cujo passo incerto a fazia tropeçar em torrões e pedras, e flores velhas espalhadas pelas sendas estreitas entre as pequeninas casas. Os quatro – durante algum tempo tinham caminhado os quatro – desceram

no carro do próprio padre até ao adro da Igreja. As sombras dos prédios rente às paredes também pareciam aureoladas de tinta preta, de nítidas que eram. Mas ela tinha entrado no Clio ali parqueado desde manhã, e os três, incluindo o prior, haviam ficado a olhar para ela, estáticos, como se fossem três anjos de asas recolhidas, descidos do alto das casinhas de pedra, para a vigiarem de perto. Ninguém dizia nada.

Milene gostaria de ter sabido porque olhavam assim, porque pareciam esperar que ela arrancasse, como se desejassem ter a certeza de que era capaz de conduzir, tendo os três acenado exuberantemente quando ela arrancou. Já a alguma distância, ainda os tinha visto pelo retrovisor a olharem na sua direcção. Pareciam contentes, e Milene, para que eles tivessem a certeza de que era desembaraçada ao volante e exercia completo domínio sobre o motor, sabendo fazer ponto de embraiagem na perfeição, parou na subida e, só depois de fazer uma inversão de marcha bastante vistosa, desceu nas calmas, São Francisco de Valmares abaixo. Eles lá tinham ficado parados, a observar, sem dúvida satisfeitos com ela. Com a sua condução. Mas nem mesmo depois daquele encontro, que nem correria mal, ela conseguira encontrar duas palavras que verdadeiramente prestassem. Isto é, saberia como explicar o que se tinha passado naquele dia, até a terra fechar. Não sabia, porém, o que havia acontecido entre as Bombas e a soleira do diamante. E na confirmação desse percurso residia tudo. Então, o que diria aos tios? Principalmente às tias, de quem tanto gostava?

Perguntava a si mesma, diante das onze palmeiras cuja sombra se mantinha a pique, imóvel, sem deslizar um segundo. Sabia muito bem. Era-lhe pedido um confronto. De novo, com o chapéu de palha na cabeça, o saco ao ombro, pensou que entre pensar e agir existia um átomo habitado por um outro, segundo João Paulo.

Pois vendo bem, não conhecia o percurso que faltava, apenas o reconstituía em imaginação, a partir do resumo feito pelos agentes da Guarda Nacional Republicana e das cenas que o próprio rapaz da

Estação de Serviço havia descrito com detalhe, enquanto testemunha ocular. Sabia por eles. Os dois agentes, eles mesmos, é que a tinham levado até às Bombas, na tarde de sexta-feira, e um deles havia dito – «Interrompa lá esse serviço, você aí. A rapariga até está um pouco meio cá meio lá, sem saber de nada...» E depois tinham-na deixado sozinha diante dele.

Então o rapaz da gasolina, todo vestido de amarelo, da cabeça aos pés, havia repetido tudo aquilo que já antes transmitira aos polícias, na própria Esquadra, reproduzindo a ordem dos factos, um por um, como se testemunhar fosse fazer com que os próprios factos voltassem a acontecer. Em pé, no meio da estação, ele contou como na noite do dia anterior, cerca das vinte e uma horas, uma ambulância havia surgido no cruzamento, espalhando em volta feixes de luzes azuis, feixes esses que no relato dele tomavam a direcção dos seus próprios braços, em giratória à volta do corpo. Luzes intensas que teriam iluminando de azul muito vivo o lusco-fusco da tarde que chegava ao fim. Luzes azuis. Azulão. Estava visto que as luzes o tinham impressionado bastante, e ele fazia questão de passar a impressão a Milene.

O rapaz tinha contado como a ambulância se havia aproximado lentamente, relampejando em várias direcções, parando nas bermas, porta sim porta não, até chegar perto da Estação de Serviço. Apontava com o braço. Segundo ele, a bombeira que conduzia a ambulância e o enfermeiro que a acompanhava haviam descido do veículo, os dois ao mesmo tempo, e tinham aberto as duas portas de trás para quem quisesse espreitar o seu interior. Contava ele. Aliás, testemunhava como aqueles dois funcionários da ambulância tinham vindo a repetir a operação pelo menos desde a curva do Frame Center, e como certas pessoas que por ali passavam, na ocasião, se haviam aproximado formando um magote, e até se tinham inclinado, umas atrás das outras, para dentro da ambulância, espreitando o que lá se encontrava. Ele próprio tinha espreitado. Mas lá dentro, tudo o que haviam enxergado fora uma sombra branca tapada com um pano da mesma cor. Jurava. No momento em que ele se tinha debruçado, a bombeira, que conduzia a ambulância, sem cerimónia nenhuma,

havia apontado uma lanterna acesa na direcção do rosto da sombra estendida no fundo branco e azul da maca. Ele mesmo, sentindo-se bastante confuso, até havia perguntado se era homem, e o enfermeiro, concentrado na decifração do endereço que estava escrito num papel, tinha-lhe respondido de muito mau modo – «Não se vê logo que é uma mulher?»

«E estará viva?» – tinha perguntado uma outra pessoa, puxando o pano branco, toda inclinada para dentro da própria ambulância.

Aí, o enfermeiro, bastante irritado, havia levantado a voz. Tinha-se ouvido em toda a Estação – «Então acha que iríamos devolver uma pessoa à família se não estivesse? Se a estupidez fosse música, você seria um concerto...» E sacudia, com raiva, o papel cifrado.

Mas o rapaz da gasolina encontrava uma explicação para aqueles maus modos. Achava que tanto o enfermeiro quanto a bombeira desejavam ver-se livres daquela sombra, como de todas as sombras que ocupavam as camas dos hospitais do distrito, por causa das carnicinas da estrada previstas para aquele fim-de-semana, e por isso, quando ali tinham chegado, já havia mais de duas horas que andavam à procura do Quilómetro 44, segundo o endereço que constava da ficha que traziam consigo. E contudo, pelos vistos, até àquele momento, ninguém tinha sido capaz de dizer onde ficava tal quilómetro nem quem fosse tal pessoa. Ele próprio, o rapaz da gasolina, confessava que não sabia. E de todas as pessoas que se tinham amontoado debaixo das luzes azuis, ninguém conhecia aquele endereço, nem aquele nome, ninguém reconhecia a figura que estava lá dentro. Só um emigrante recém-chegado da América do Norte, um homem de meia-idade, é que se tinha inclinado na direcção do foco luminoso que o enfermeiro apontava de novo sobre a pessoa, e havia reconhecido, nos olhos da sombra deitada, umas pálpebras altas que se lembrava de ter visto no rosto duma mulher quando ele mesmo era rapaz. Mas não se lembrava de quem fosse.

«Faça lá um esforço, por favor. Andamos aqui aos bonés há não sei quanto tempo...» – tinha pedido a bombeira.

«Eu faço, mas não consigo» – ainda tinha dito o emigrante da América do Norte. E esse homem até sentia muita pena por não poder ajudar, não retirava a vista das pálpebras descidas, fazendo a luz da lanterna passar uma e outra vez por cima do rosto, mas era inútil, não se lembrava. Então, muito arreliados, e em desespero de causa, o enfermeiro e a bombeira tinham iniciado uma pesquisa pelas moradias mais próximas, atravessando a estrada e entrando nos caminhos laterais, batendo a portas onde pareciam jantar pessoas surdas, penetrando em quintais travados com edifícios que lhes barravam a passagem, e outras dificuldades, segundo o que eles próprios, depois, tinham contado. Mas quando finalmente haviam regressado à ambulância, prontos a resolver a situação, já com a ideia de onde ficava o tal Quilómetro 44, e apressados se precipitavam cada um para o seu assento, tinham verificado que a sombra havia desaparecido. A sombra não estava deitada onde eles a tinham deixado.

A sombra não estava lá.

O rapaz da gasolina, ali mesmo, na própria Estação de Serviço, tinha explicado como havia sido o efeito provocado pela imagem da ambulância vazia da sombra. Como os dois, enfermeiro e bombeira, haviam vasculhado a berma e as ervas secas em volta. Como haviam feito extraordinários apelos por telefone e *walkie-talkies*, desesperados, andando dum lado para o outro, diante da ambulância e ao longo da estrada, até que haviam partido, fechando as duas portas abertas que na noite pareciam duas asas. De facto, ele próprio vira essas portas. Ele fora testemunha ocular, ele ainda se encontrava sob o efeito daquela cena estranha. O grande carro vazio. Mas a partir daquele passo, não podia contar mais nada. Só podia acrescentar que entretanto o magote de pessoas se tinha cansado de estar à espera junto da ambulância e havia destróçado. Nessa altura, ele mesmo andava de um lado para o outro, a servir gasolina, e só sabia que as luzes azuis tinham continuado a girar como um farol, tempos sem fim, sem ninguém por perto, ali na Estação de Serviço. Quem podia adivinhar? O próprio rapaz, de olhos muito largos, humedecidos, abria os braços para demonstrar a sua inocência. Sim, sim, contava

tudo o que sabia, era testemunha. Que desculpasse, mas a pessoa que ele vira lá dentro, deitada na maca, parecia ter menos força vital do que o pano que a cobria. Como tinha andado? Como tinha desaparecido? Como tinha passado por entre estradas repletas de carros a correrem a toda a velocidade? Como? – Até que ele mesmo, reparando nas feições de Milene, havia mudado de assunto.

«Desculpe. Olhe para aqui...»

Depois disse-lhe que afinal se via muito bem que ela pertencia à família da *sombra*, por causa das pálpebras altas, as sobrancelhas subidas. O rapaz utilizava só a palavra *sombra*. A olhar para ela, muito sério, por causa do reconhecimento das pálpebras, e os carros a formarem uma grande fila, uma fila própria do feriado de sexta-feira, e os colegas do posto a chamarem por ele. E ele, com os braços levantados, continuava a falar, simulando ainda o rodar da lâmpada azul, a lâmpada que tinha trazido aquela história passageira a uma Estação de Serviço de estrada, onde nada acontecia a não ser os depósitos abrirem-se e fecharem-se, engolindo gasolina com o máximo de octanas.

«Vê-se mesmo que você é filha. Filha ou neta...» – tinha ele dito, encaminhando-se para as Bombas de onde o chamavam, desesperadamente. «Pôxa, gente, um momento, que já lá vai...»

«Olhe, eu por mim, juro, não vi mais nada...»

Assim se tinham despedido.

O que significava que, sobre esse testemunho, não havia problemas. Milene guardava, palavra por palavra, a fala do gasoleiro, faltando-lhe conhecer apenas o que se passara depois. Só essa parte faltava. Mas não seria que tudo aquilo que desconhecia sobre o que acontecera depois não estaria a arruinar-lhe a lembrança sobre os factos precedentes? O passado imediatamente anterior? Os últimos momentos testemunhados pelo rapaz da gasolina? – Milene tinha começado a sacudir o pó das pernas que a saia curta deixava nuas, havia retirado de novo o chapéu da cabeça, voltando a abanar-se com ele, fazendo agitar o cabelo curto em torno do rosto, uma espécie de redemoinho. Um perigo.

Tudo se cruzava.

Diante das onze palmeiras, demasiado frondosas, como se os seus pés erectos sugassem a energia de alguma fonte invisível que corresse a uma outra profundidade da terra, Milene não sentia só os cabelos no ar, agitados pelo chapéu de palha. Sentia também a cabeça cheia de figuras, de noites, daquelas quatro noites, de bombas de gasolina, de caixas de madeira, flores polpudas, estradas a cruzarem-se, carros a partirem em direcções diferentes, nomes, endereços, covas abertas, o Mar de Prainhas, que dali se avistava para além do edifício da fábrica e da zona dunar, camisas de noite sem bainha nem carcela, ambulâncias, bombeiros, sons grandiosos soprando da Bíblia do Senhor Padre, tudo isso que tinha recolhido ao longo daqueles últimos quatro dias, tudo matéria útil para explicar aos tios, mostrar-lhes e oferecer-lhes como uma prenda de que se pudesse orgulhar. Mas ali mesmo, sob o calor que continuava a cair com perverso rigor, achou que não ia poder manter intacta por mais tempo aquela cesta de dados que trazia dentro da cabeça. Que os dados iriam todos começar a desintegrar-se, a fugir como iões libertos, que iriam espalhar-se pela restinga, por toda a costa do Mar de Prainhas, pelas águas do Atlântico fora, até a sua cabeça ficar vazia de todo, e quando os tios e as tias chegassem, já não teria nada para lhes dizer. Quando os tios lhe perguntassem – «*O que aconteceu, Milene?*», ela não saberia responder absolutamente nada. Não teria nada para lhes contar.

Talvez eles lhe perguntassem – «*Como foi possível uma coisa destas? Não cuidaste da avó Regina nem sabes dizer nada sobre ela. Pior do que tê-la deixado morrer é não saberes explicar como foi...*» Ouvia a tia Ângela Margarida dizer, e o tio Rui Ludovice, seu marido, a escutar, a consentir, eles que eram tão poderosos, que formavam um casal tão bem feito, que sabiam tanto, que tinham ganhado eleições sob o lema imbatível de *Outros só Fazem Gestos, Nós Somos a Acção*, e agora iriam pedir-lhe contas, e ela não tinha nada para lhes transmitir. Sentia que tudo o que havia acumulado, em vez de criar um sentido, estava prestes a desaparecer. Como explicas, Milene, diz lá, que tenhamos deixado a avó

no Novo Lar, duzentos mil escudos a cada um, só de jóia, para podermos partir em paz para férias, já que não estávamos descansados contigo, sozinha com ela em Villa Regina, e que ao sairmos de Portugal ela tenha ficado lá tão bem entregue, naquele lugar onde dispunha de todo o conforto, até de sapatos de ténis, no caso de querer fazer uma volta em torno da piscina, e como podes explicar que passadas duas semanas tivesse sido encontrada morta, abandonada, na soleira da Fábrica Velha? O nosso diamante?

Sim, como explicava Milene que não tivesse esperado por eles para deixar morrer a avó? Porque não havia proporcionado que ela tivesse todas as flores, todas as honras que merecia? Porque não tinha cuidado da sua pessoa? Porque não tinha interceptado aquela gente, guardas, médico legista, homens de preto, o padre incluído? Como? – Uns dias depois, e talvez até o tio Rui Ludovice tivesse requisitado dois cavalos da Guarda Nacional que fossem atrás fazendo barulho com as patas, talvez houvesse um sermão na Igreja, talvez alguém tivesse vindo com duas guitarras, uma em cada mão, cantar à avó, à longa vida da avó, à benemerência da avó, a avó que em tempos idos tinha sido a mão forte da *Fábrica de Conservas Leandro 1908*, boa pessoa para toda a gente, gerações inteiras que lhe deviam favores, e no entanto a neta não tinha esperado. Para avaliar por inteiro o sucedido, Milene não precisava de contar pelos dedos, porque não tinha nem dez, nem quinze, nem vinte anos, tão-pouco. Mesmo assim, contou. Para se certificar, contou as ausências fundamentais, uma a uma.

De facto, junto da avó Regina não tinham estado nem a tia Ângela Margarida nem o tio Rui Ludovice, com a presença solene que a sua figura implicaria. Nem as filhas deles, as primas Joana e Sabina. Nem o tio Afonso Leandro, nem nenhuma das suas últimas mulheres, nem tão-pouco a primeira, a tia Alda Maria, a mãe dos dois filhos, o primo Danilo e o primo João Paulo. Nem a tia Gininha nem o seu marido Dom. Silvestre, bem como as crianças de quem a avó tanto gostava, o Bruno José e a bebé Artemisa. Assim como nenhum membro mais afastado da família lá tinha estado. Também nenhum dos antigos funcionários ainda bastante submissos à avó Regina havia

aparecido. Nem as amigas com quem a avó comia bolos altos de buraco no meio, às fatias, nem as serviçais que lhe tinham permanecido próximo e lhe traziam couves-tronchudas e dúzias de ovos dispostos em palha, no fundo de cestas, como ela tanto gostava. Nem o velho merceeiro nem o afilhado Barbosa, o dono do Mãos Largas. Não, ninguém tinha estado, um desencontro, fruto da terrível coincidência. A população deslocada, os serviços fechados, os hospitais a abarrotar, os acidentes multiplicando-se em constelações de lata pela estrada, os lugares de acolhimento lotados. Fora no meio dessa confluência extraordinária que a avó falecera, sobejando de todo o lado e de toda a parte, e ela não iria saber explicar porquê. Afinal não era apenas o percurso da avó entre a ambulância e os carris que ela não conseguia explicar, era muito mais. Muito grave. Entre o que sabia e não sabia, tinham-lhe desaparecido as palavras, todas as palavras tinham abalado, e por isso, quando eles chegassem, ela não teria nada para dizer. Vazia como a buzina seca e morta, não teria nada. Pensando nessa falta, essa profunda falta, com o coração apertado, Milene tinha começado a andar na direcção do portão da fábrica, caminhava na direcção do diamante.

«Eh! Está aí alguém?» – chamou.

Nem o estupor dum pássaro.

O portão parecia encontrar-se apenas fechado no trinco. Bom mesmo seria partir para longe, atrás dos pensamentos que se diluíam a toda a velocidade pela água, pela terra e pelo espaço. Mas como isso não podia acontecer, porque ela mesma se sentia uma só coisa, agarrada à soleira, uma solução oposta caminhava na sua direcção, com o mesmo fim. Uma boa solução. Sem pensar em mais nada, Milene obedeceu. Subiu para o galo de pedra onde as duas meias portas vinham bater um tanto desconjuntadas, e com os joelhos rechonchudos unidos, os calcanhares afastados, empurrou com toda a força da anca o centro do portão, e com a mão na corda do arame, puxando-a, conseguiu que o cabo se desprendesse do prego, que as duas metades se afastassem com estrondo, um estrondo que a sur-

preendeu a ela e aos pássaros, subitamente acordados. Milene ficou durante um instante no meio do portão escancarado, a ouvir a res-tolhada dos animais. Só depois tinha entrado. Ali estava o pátio com a sua chaminé vermelha, inútil e alta. Reconhecia-a, ali estava. Mas não reconhecia mais nada.

O pátio parecia-lhe pequeno, como se os pavilhões laterais tivessem crescido para o interior, e na verdade novas paredes de tijolo encarnado interceptavam as superfícies primitivas. Uma casinha da cor do cimento sobressaía como um nódulo dentro de um quadrângulo. Uma nova empena, donde pendia, enrolada, uma enorme mangueira de rega, fechava o telheiro de parede a parede. A ligar as novas superfícies de alvenaria, cordas erguidas em canas sustinham roupas de Verão de cores alvadias, e lençóis coloridos, onde desbotavam enormes rosas, estavam dispostos como uma floresta de panos. Uma das cordas ondulou, e detrás dos panos surgiram dois animais. Um grande cão de guarda, ao vê-la, abriu a boca, mas logo se deitou por terra e rebolou o enorme corpanzil, deixando-se urinar, rastejando, enquanto um caniche cinzento, que não havia sido tosquiado, se encontrava amarrado com uma corrente que deveria ter pertencido ao cão de guarda. Esse, a princípio, ladrrou desesperadamente, como se movido por duas pilhas. Depois, também ele se rojou no chão, sob o barulho da corrente, lambeu-se e saltitou quanto pôde, pondo as patas dentro da gamela e entornando a última gota de água que ainda lá havia. Quando os cães se calaram, percebendo que nada iria acontecer de importante para eles com aquela presença humana, Milene compreendeu também que aquele lugar, apesar de fechado – tinha voltado atrás para unir as duas meias portas –, ainda a deixava demasiado exposta, demasiado visível.

Mas as portas interiores, as que davam para esse recinto fechado, essas encontravam-se trancadas, e entre um pote onde florescia uma sardinheira e um saco com ração, existia um pequeno monte de cadeiras empilháveis. Poderia retirar uma. Retirou. Com a cadeira debaixo do braço, Milene pôs-se à procura de um lugar entre as roupas estendidas. Certamente que por detrás de alguma daquelas cor-

das de panos iria encontrar um bom esconderijo. Não logo atrás da primeira corda nem atrás da segunda, antes atrás da terceira, donde pendiam os lençóis maiores, os das grandes rosas lilases, de mistura com turcos de banho e toalhas de mesa. Ali, sim, entre uns e outros panos, havia uma boa sombra. Encostou o rosto à roupa, certificou-se de que tinha encontrado um sítio onde as tias não poderiam descobri-la, nem naquele instante nem depois, quando já não tivesse nada dentro da cabeça capaz de lhes contar. Nunca poderiam. Nunca. Os joelhos unidos, o saco pousado sobre eles, o chapéu pousado sobre o saco. Os dois braços apertando o corpo, com o molho de coisas arrumadas no colo. Ali, na frescura do pátio, segunda-feira, dezoito de Agosto. Milene tinha-se escondido no interior do diamante.

Mas houve quem dissesse o contrário.

Que Milene fora encontrada a vaguear perto dos campos de golfe, sem saco nem chapéu. Outros juraram que a tinham avistado a caminhar à pressa na direcção do Bairro dos Espelhos. Outros disseram, ainda, que ela teria passado esses cinco dias na praia, alimentando-se de peixe cru e dormindo ao relento. – Disseram-no, por certo, com a intenção de diminuírem a sua vida, de esmagar o seu enigma, com a intenção de a empurrar para o domínio da insignificância e da obscuridade, esse lugar onde tudo se perde e anula antes de tempo. Mas nós não deixámos.

